

Mãe, hoje queremos balbuciar o teu nome nesta palavra: Mãe.

Mãe, palavra que nos sai do coração e nos faz agradecer a vida.

A minha e a tua vida. A nossa vida! Sem Mãe, nem palavra nem vida nem amor!

Mãe, palavra gravada no nosso coração e no nosso corpo, na nossa vida!

Se olharmos para o nosso umbigo, logo nos lembraremos da nossa origem. Não nos criámos sozinhos. O umbigo liga-nos à fragilidade, à humanidade, aos afetos!

Tivemos origem noutra corpo que não o nosso.

Fomos gerados no corpo da nossa Mãe, no seu ventre e no seu amor!

Para quem tem fé, a origem última é em Deus. E Deus, como não podia estar fisicamente em todo o lado, deu-nos uma Mãe. A minha e a tua Mãe.

E deu-nos também a Mãe de Jesus, nossa Mãe santíssima!

Para quem não tem fé, a presença do que resta do cordão umbilical, relembra que antes da nossa vida, outra vida, que nos gerou, nos alimentou e nos trouxe à vida.

Alguém se imagina sem o umbigo? Não! O umbigo é uma marca humana que nos liga aos outros, através da nossa Mãe, através dos nossos pais.

Que admirável: se a nossa memória nos trair, há um umbigo que nos fala da nossa Mãe! Afinal somos seres carentes, finitos, limitados, ligados, com origem em outro alguém! Não fomos nós que nos demos a vida!

A vida é um dom! Foi-nos dada! É-nos dada!

Podemos agradecer! Podemos viver! É a viver que agradecemos! É vivendo que experimentamos a alegria de sermos alguém, a gratidão de pertencermos a alguém. E começamos por pertencer à nossa Mãe! Nove meses! Dentro de ti, ó Mãe! Nove meses ligados! Alimentados! Dependentes da vida e do amor!

E aí começou uma nova história! Uma cumplicidade para a vida toda!

Duas vidas; dois corações a bater juntinhos; dois mundos, um por dentro do outro!

E uma vida imensa, uma vida intensa! Começa a fazer sentido a palavra Mãe.

E então, o medo e a esperança; a pressa e a paciência; os sonhos e as angústias!

Sentes-te Mãe antes de alguém saber, antes de alguém sonhar! Mas logo se começa a notar! E mais uma vez o revelas no corpo, na alegria e no sorriso!

E, depois, é a vida toda: o nascimento, os primeiros gestos, sorrisos, palavras, o gatinhar e o andar, o crescimento, a adolescência, a juventude, até sairmos de casa...

As noites por dormir, a angústia de fazer alguma coisa errada, não saber cuidar, ou não estar à altura das nossas necessidades; as primeiras lágrimas, o primeiro choro, a primeira queda, a primeira ferida; as birras, e com o tempo, as diferenças que parecem roubarem-nos de ti, minha Mãe...

Mãe é uma palavra para a vida toda! É uma vida toda em que facilmente te esqueces de viver a tua vida para viveres em função nos nossos anseios e urgências.

Tornámo-nos crescidos! Mas nem por isso os teus cuidados de Mãe enfraquecem! As preocupações não cessam! E, tantas vezes, filhos criados trabalhos dobrados! Mas é a vocação e a felicidade de cada Mãe. Da minha e da tua Mãe!

Duas palavras ocupam este dia: Maria e Mãe!

Também Maria é Mãe! Mãe de Deus e nossa Mãe. Do anúncio à cruz! Da cruz até a nossa vida! Também Maria, como Mãe, vem morar em nossa casa, na minha e na tua vida! Só se quiseres! Só se quisermos! Mas como Mãe, como a minha e a tua Mãe, mesmo que fuçamos, mesmo que nos descuidemos a retribuir ou a agradecer, ou a viver, Ela está lá para nós! Sempre! Só se não quiseres! Só se não quisermos.

Mãe, obrigado!

Que te mereça e te saiba chamar e tratar por Mãe pela vida toda! Obrigado, Mãe!

Rezemos uma Ave-Maria, pelas nossas Mães, presentes no meio de nós e por aqueles que já as confiaram a Deus que é Pai e é mais Mãe!